

Resenha de GRIFFERO, Tonino. *Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces*. Translation by Sarah De Sanctis. 1. ed. Farnham: Ashgate, 2014.

Dndo. Eduardo Adirbal Rosa – UFSM

eduardo.rosa@acad.ufsm.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1961-1296>

Recebido em: 24/06/22

Aceito em: 01/12/22

Sobre a externalização da afetividade: os espaços atmosféricos

Não é incomum que, em determinadas situações, ao entrarmos em certos espaços cotidianos, pronunciemos frases como: “que clima tenso”, “há uma eletricidade no ar”, “me sinto sufocado aqui” etc. Podemos assumir tais proferimentos em sua literalidade? Considere-se, em geral, que fenômenos afetivos, como emoções, humores, paixões, sentimentos, desejos, vontades etc., têm sido tematizados como imanentes à interioridade humana. Podemos admitir a existência de afetos que não pertencem à interioridade humana? É válido e em que sentido podemos falar da afetividade como algo que reside fora de nós, como se estivesse preenchendo e permeando espaços da existência? Linhas de respostas para estas perguntas podem ser encontradas no livro *Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces* (2014)¹, de autoria de Tonino Griffero.

Tonino Griffero (1958) é um filósofo italiano e professor de Estética (*Aesthetics*) na Universidade de Roma “Tor Vergata” (Itália). É considerado o principal difusor da pesquisa teórica sobre atmosferas, dando sequência às investigações fenomenológicas de Gernot Böhme (1937-2022) e Hermann Schmitz (1928-2021), tendo já publicado várias obras a respeito do assunto², além da coedição de volumes sobre o tema das atmosferas e a administração do site *Atmospheric Spaces*³. No plano biobibliográfico, o livro “*Atmospheres*” marca o início das publicações do autor relacionadas à temática, muito embora já prenuncie o desenvolvimento do ambicioso projeto de uma estética pática (*pathic aesthetics*) – o estudo da experiência corporal de envolvimento afetivo na sua dimensão de passividade involuntária, na qual a pessoa é incapaz de reagir ou mitigar o que acontece ou a afeta⁴.

1 Originalmente, publicado em língua italiana como “*Atmosferologia. Estetica degli spazi emozionali*”, pela editora Laterza, em 2010, e republicado sem alterações em segunda edição pela Mimesis, em 2017.

2 Vale mencionar: “*Quasi-Things. The Paradigm of Atmospheres*” (2017), “*Places, Affordances, Atmospheres. A Pathic Aesthetics*” (2019) e “*The Atmospheric ‘We’. Moods and Collective Feelings*” (2021).

3 Endereço eletrônico: < <https://atmosphericspaces.wordpress.com/> >

4 GRIFFERO, T. *Quasi-Things. The Paradigm of Atmospheres*. Trans. Sarah De Sanctis. New York: Suny Press, 2017, p. vii.

O estudo desenvolvido em *Atmospheres* insere-se no contexto de amplo uso da noção de “atmosfera” em variados campos. No entanto, o livro de Griffero tem propósitos filosóficos, focalizando-se na ontologia das atmosferas e a fenomenologia da experiência atmosférica. Como o autor indica, embora seja um fenômeno cotidianamente familiar, carece de uma abordagem adequada (p. 2). Nestes termos, as definições de atmosferas, como meio qualitativo-sentimental disperso espacialmente no mundo, e de percepção atmosférica, como um ser afetado em nível sensorio-corporal pelo sentimento presente nos arredores (p. 5), servem como dispositivos conceituais prévios que orientam a leitura. Percebe-se também que o autor é ambicioso ao endossar a tese de que “tudo é atmosférico” (p. 3), recusando a mera consideração do fenômeno de modo subjetivista, projetivista ou metafórica (p. 3-4). Para além de uma breve introdução, o livro estrutura-se em três capítulos, sendo finalizado com algumas considerações conclusivas.

O primeiro capítulo, subdividido em sete subseções, oferece uma fenomenologia da percepção atmosférica, fundamentada na espacialidade que constitui o mundo da vida. Partindo do entendimento de que nosso estar no mundo é sempre um estar envolvido primordialmente de modo afetivo-corporal com o espaço vivido (p. 9), com a experiência de qualidades afetivas dispersas no mundo, a percepção atmosférica é caracterizada não como aquela que registra meros dados dos sentidos ou estados de coisas, mas como uma percepção básica e unitária, que envolve traços intuitivos, deambulatorios, cinestésicos, afetivamente engajada, sinestésica e polimodal (p. 16-17). Citando Griffero, a “*Percepção atmosférica é, portanto, um ser-no-mundo holístico e emocional*” (p. 15, minha tradução). Em outros termos, trata-se de uma comunicação involuntária e imediata relativa às impressões significativas presentes nos espaços, um estar exposto aos caracteres expressivos do ambiente na passividade corporal.

Duas de suas principais bases teóricas são enunciadas na terceira subseção, onde menciona a ciência dos fenômenos (caracteres expressivos das coisas) de Ludwig Klages (p. 24-25) e a nova fenomenologia de Hermann Schmitz (p. 26-28). Desta última, Griffero extrai a concepção de filosofia como autorreflexão sobre o modo como alguém está no ambiente em que vive (p. 26), a revalorização da estética como estudo da sensibilidade corpórea (p. 27), a adoção da noção de corpo vivido (*felt-body*) (distinta de corpo físico-material, *physical body*), as ilhas corporais (zonas não anatômicas que se manifestam em variação temporal) e a noção de comunicação corporal (p. 28). Com uma fenomenologia centrada na sensibilidade corpórea, o autor sugere a reabilitação da noção de “primeira impressão” como uma percepção avaliativa imediata e involuntária da situação (p. 29), sendo, sempre, atmosférica. A fenomenologia da percepção de sentimentos atmosféricos espacializados, não idênticos a meros sentimentos e emoções, enraíza-se em uma filosofia das situações. Por situações, entende-se os “*estados de coisas múltiplos e caóticos que podem ser distinguidos de outros precisamente graças a seu tom atmosférico*” (p. 31, minha tradução). Assim, são as situações que irradiam atmosferas passíveis de percepção por alguém que ali se encontra (p. 32). Deste modo, embora sejam qualidades do mundo, atmosferas são relativas a algum sujeito. Uma implicação destas colocações é que a própria filosofia tem como tarefa refletir sobre o poder atmosférico das situações (p. 33).

Outro aporte teórico advém da adoção da noção de “espaço vivido” (como distinto ao espaço físico geométrico). As multifacetadas tematizações do fenômeno do “espaço vivido” são apresentadas em um esboço histórico-filosófico, que perpassa autores da fenomenologia, psicopatologia, antropologia e existencialismo (Heidegger, Minkowski, Strauss, Dürckheim, Merleau-Ponty, Bollnow, Bachelard e Schmitz) (p. 38-46). Especial destaque é dado à neofenomenologia de Schmitz, a qual examina a experiência espacial desde a presença corporal. Da neofenomenologia, são extraídas a tripartição de níveis da experiência do espaço com suas correspondentes cargas atmosféricas que se dão no espaço do sentimento (*Gefühlsraum*) (p. 46). O ponto fulcral é que existem tantas atmosferas quanto formas de espacialidade (p. 47), sendo assim, tem-se: o espaço local (*Ortraum*), com atmosferas condensadas em possíveis objetos; o espaço direcional (*Richtungsraum*), com atmosferas vetoriais; e o espaço da amplitude (*Weitraum*), com atmosferas centradas na corporeidade. O capítulo finaliza com a indicação de que a experiência com atmosferas gera reações motoras e imagético-motoras, sugerindo, também, a aproximação de tais tópicos com a disponibilidade como significância desde

Heidegger e as *affordances*⁵ de Gibson (p. 51). Quanto a esta última, o autor defende que as *affordances* não ficam restritas à interpretação pragmático-comportamental, já que também têm traço atmosférico, como convites ambientais que estão presentes nas coisas e *quasi-coisas* (p. 51). Assim, *affordances* atmosféricas são qualidades terciárias ou emocionais que são percebidas via corporeidade no espaço vivido (p. 53).

O segundo capítulo, em suas onze subseções, fornece um histórico-conceitual da noção de atmosferas. De modo mais explícito, o coração do capítulo aborda as noções de numinoso (*mysterium tremendum*), *Genius Loci* (espírito do lugar), *Stimmung* (tonalidade afetiva, humor), *ambiance* (ambiência) e aura como eminentes precursoras do conceito de atmosfera, uma vez que capturam traços da experiência relacionada a “algo” qualitativo espacial que afeta e impõe-se desde fora ao ser humano em nível afetivo-corporal, determinando o estado emocional do sujeito (p. 73-78). O capítulo também oferece sugestões de reinterpretções e análises atmosféricas, vindo a justificar a tese de que “tudo é atmosférico”. Esta tese fica ilustrada desde a vasta multiplicidade de manifestações atmosféricas, o que também dá a conhecer a pervasividade do atmosférico na experiência humana.

De modo geral, pode-se dizer que a primeira parte do capítulo está dedicada a atmosferas naturais e, na sequência, humanas. São tratados os casos de atmosferas climáticas, vinculadas às condições meteorológicas (p. ex., a atmosfera de calor opressivo de uma tarde de verão, inerte e pesada de um melancólico dia de outono, elétrica e tensa de uma noite de tempestade, etc.) e paisagísticas (sejam naturais ou jardins). Quanto a estas últimas, sugere-se que o próprio traço atmosférico pode conferir a identidade estética das paisagens, o que também colaboraria para se explicar o fato de que somos “agarrados” por elas, demorando-nos contemplativamente, além de gerarem alteração em nossos estados emocionais (p. 61).

Além das atmosferas paisagísticas, com traço sensório visual específico, o autor se desloca para o tratamento de atmosferas humanas via consideração dos sentidos. Assim, além das atmosferas visuais, temos também aquelas de tipo tátil, sonoras e orosensoriais (relativas ao olfato e ao paladar). Destaque é dado a esta última como exemplar da manifestação de efeitos atmosféricos: cheiros, aromas e odores impregnam e permeiam ambientes, solapam a distinção sujeito-objeto, têm “polo gerador” de difícil localização, constituídas de qualidades experienciais irreduzíveis, sendo perceptíveis desde a impressão sensório-afetiva imediata através da respiração (p. 68). O outro âmbito de atmosferas diz respeito à vida humana e às relações sociais. Indivíduos, famílias, coletividades, culturas, religiões, instituições e personalidades (autoridade, prestígio, carisma) irradiam sentimentos atmosféricos. Estes podem ser partilhados intersubjetivamente e percebidos por outras pessoas como excludentes ou inclusivos (p. 69-70) e, com isso, atmosferas também têm marcador político (p. 70).

Após a abordagem das noções precursoras, Griffero trata do que poderia ser classificado como a produção de atmosferas e seus efeitos. Nestas subseções, o autor aborda o design emocional, no seu papel de criação de efeitos atmosféricos em bens comerciais no contexto de estetização do capitalismo, visando levar as pessoas ao ato de compra (p. 79), como também na criação arquitetônica de interiores (quentes e acolhedores, frios ou impessoais) para lojas, shoppings, hotéis, cafés etc. (p. 80). Sugere, também, que a arte possa ser teorizada atmosféricamente, tanto no plano das qualidades atmosféricas relacionadas ao aparecer único e singular de uma obra de arte (p. 82), ou, ainda, considerando que museus podem transformar ontologicamente o estatuto dos objetos que lá são expostos ou que irradiam uma atmosfera que emerge das obras expostas (p. 83). Em todo caso, a experiência da arte é assumida como corriqueiramente atmosférica (poesia, cinema e música).

As últimas subseções focam diretamente em atmosferas urbanas e habitacionais. Cidades possuem atmosferas urbanas, hospitaleiras ou inóspitas (p. 87), que influenciam habitantes, turistas e estrangeiros, podendo ser percebidas de duas formas: a daqueles que estão imersos no interior de uma cidade ou a dos que a observam a distância (p. 88). O caráter arquitetural é a faceta atmosférica externa de uma cidade, sua “pele”, mas também há uma interna: habitar é viver em um espaço interior, onde se desenrola uma cultura

5 Termo de difícil tradução, sendo recomendado uso no original. Foi criado pelo psicólogo ambiental James J. Gibson, para designar as possibilidades de ação oferecidas pelo ambiente a um agente nele situado, implicando em relação de complementariedade entre ambiente e agente.

de atmosferas que visam proteção e privacidade: a cultura do habitar é um cultivar atmosferas (p. 95). Na última seção, Griffero trata das qualidades expressivas e perceptíveis da materialidade (p. 98), os êxtases dos materiais. O autor sugere a necessidade de maiores estudos fenomenológicos sobre a potencialidade dos materiais (madeira, lã, plástico, masonite etc.) para a criação de poderes atmosféricos nos ambientes (p. 98).

No terceiro e último capítulo, somos apresentados aos delineamentos programáticos da “atmosferaologia”, desde uma fenomenologia ontológica da experiência atmosférica. Estabelecido que atmosferas são um tipo de sentimento espacializado (p. 101), passíveis de experiência imediata e involuntária em nível sensorial nas ilhas corporais (p. 102), Griffero explica por que este fenômeno ainda não havia sido apreendido teoricamente. Endossando a posição de Schmitz, o autor defende a ocorrência de um duplo pecado no seio da cultura da Grécia Antiga, por volta de meados do séc. V a.C., no processo de transição da cultura arcaica daimônica (*daimonic*) para a cultura ético-racional: a internalização dos sentimentos e afetos (introjeccionismo) que deu vazão à ideia de que atmosferas são sentimentos internos projetados ao mundo externo (projetivismo) (p. 103-104)⁶ e uma sequência de implicações que culminam na consolidação da autonomia pessoal em relação a quaisquer poderes exógenos.

De todo modo, a tematização das atmosferas não busca um retorno a essa visão de mundo arcaica, argumenta Griffero, mas ampara-se na compreensão mais geral anti-introjeccionista e antiprojetivista da afetividade humana. Nestes termos, atmosferas não têm estatuto ontológico subjetivista ou projetivo, mas também não se enquadram em uma ontologia clássica objetual. Embora possam ocorrer casos de dependência aos polos subjetivos ou objetuais, ontologicamente, as atmosferas pertencem à categoria *sui generis* de quasi-coisas (*quasi-things*) (p. 109). É justamente a tentativa de enquadrá-las na dimensão objetual que leva à compreensão de que são metáforas ou projeções da subjetividade. A redução das atmosferas a explicações projetivas metafóricas é objetada por desconsiderar a experiência corporal, não fazer jus à precisão com que a linguagem natural e intuitiva captura experiências mais sutis do mundo (p. 112), afora que a destruição de lugares faz com que desapareça a possibilidade de ocorrer o sentimento atmosférico que antes se fazia presente (p. 109). Objetadas as explicações metafóricas, projetivistas, além das associacionistas, a existência de um presumido “sexto sentido” ou a acusação de falácia patética (*pathetic fallacy*), o autor endossa a posição de Merleau-Ponty, o qual argumentou que a percepção sinestésica é a forma mais básica de nosso envolvimento com o mundo (p. 115), o que significa que sentir o atmosférico é “*co-perceber (pré-categorialmente, sinestesticamente, cinestesticamente) nossa situação corporal e averiguar como nos sentimos em um certo lugar*” (p. 118).

As duas últimas seções do capítulo final explicam como e em que sentido somos afetados pelas atmosferas como quasi-coisas. Em um primeiro passo, são apresentadas considerações gerais sobre a ontologia atmosférica, que peculiarmente desafia a ontologia clássica baseada em propriedades e objetos. Dentre os principais traços ontológicos das atmosferas, o autor elenca dez: dinamicamente fugazes; coincidência entre ação e efeito; têm estatuto de quasi-coisas (coincidência com seu caráter fenomênico); são um entremeio (“no-meio”, ‘in-between’) possível devido à co-presença entre sujeitos e ambiente; são relativamente alteráveis, inclusive, através de fatores cognitivos; possuem identidade relativamente estável, mas delicada; possuem espacialidade e limites peculiares; são estados potenciais; dotadas de qualidades relativamente persistentes e outras transitórias; variabilidade de manifestação em conformidade com situações específicas (p. 119-129). No segundo passo, é oferecida uma classificação dos modos de manifestação e efeitos das atmosferas. Embora as atmosferas sejam muito mais estados do mundo, seu aparecer depende dos sujeitos que entram em seu raio de ação, podendo ou não deixar se envolver no jogo atmosférico. Opera-se com isso uma importante distinção entre a atmosfera afetiva e aquilo que é sentido corporalmente em uma dada atmosfera. Nestes termos, destacam-se os casos de atmosferas ingressivas (invasivas): reorientam sem resistências o estado emocional de uma pessoa; os de atmosferas sintônicas: nos encontram em estado afetivo coincidente com elas; e os de atmosferas antagônicas: reconhecidas contemplativamente sem oferecer efetivo envolvimento corporal. Observa-se que podem ocorrer casos de atmosferas que geram um tipo de resistência que impele

6 O processo pode ser visualizado desde consideração atenta da cultura grega anterior à obra Odisseia, pois nesta já se apresenta uma nova visão do ser humano (na Ilíada, p. ex., deuses são tidos como poderes exógenos que afetam os humanos) que foi se consolidando até os dias de hoje, claro, com alguns contratemplos.

a pessoa a mudá-la, além de que podem ser percebidas de forma diferente ao longo do tempo, seja devido a alterações ambientais seja devido a fatores pessoais (p. 139).

O autor finaliza a obra com um conjunto de considerações conclusivas, que retomam os resultados obtidos em sua atmosferologia, mas sinalizando também para a existência de questões em aberto. No escopo desta sua ponderação final, vale destacar que sua abordagem, contrapondo-se às teorizações atmosféricas de Schmitz e Böhme, defende a existência de múltiplos tipos de atmosferas (prototípicas, derivativas e espúrias subjetivas) (p. 144). Griffero afirma, ainda, que atmosferas são fenômenos relativamente objetivos e intersubjetivos que são encontrados no mundo (p. 143), além de reivindicar o reconhecimento das atmosferas como um ente ontológico de direito próprio, juntamente com outros fenômenos intangíveis e fugazes (buracos, sombras, nuvens, ondas etc.) que fazem parte do mundo, e que não devem ser abordados desde estratégias redutivistas ou reificadoras.

“*Atmospheres*” é uma leitura imprescindível para aqueles que tem interesse em se informar sobre o tema das atmosferas e seu arcabouço conceitual que propõe uma interpretação da afetividade vinculada à espacialidade, desafiando o paradigma que preponderantemente restringiu a afetividade à esfera psíquica imanente. Embora o prisma da obra seja marcadamente fenomenológico, o autor foi generoso com aqueles não familiarizados com esta corrente, na medida em que apresenta uma quantidade significativa de exemplos ilustrativos, o que favorece a compreensão das elaborações teóricas. Acrescenta-se, ainda, que a obra exemplifica, através do estudo de caso das atmosferas, um acesso à categoria ontológica *sui generis* das quasi-coisas. Um ponto aparentemente deficitário é a observância de que alguns tópicos e noções carecem de abordagens mais aprofundadas do que outras, muito embora, estas ficam como indicações para potenciais estudos (p. ex., atmosferas religiosas, políticas, éticas, psicopatológicas). Ao fim, “*Atmospheres*” é uma obra altamente recomendável por oferecer um panorama amplo, com riqueza de referenciais teóricos, exemplos e análises de casos referentes à teoria das atmosferas, mas, sobretudo, é um manancial de potenciais linhas de investigação.